

## DISTORÇÃO DE PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DE POLICIAIS ENVOLVIDOS EM TIROTEIOS

Alexis Artwohl, Ph.D<sup>1</sup>

“Se não tivesse sido pelo recuo eu não teria conhecido minha arma atirando. Não somente isto, “eu não ouvia os tiros, mas posteriormente meus ouvidos não eram capazes de ouvir os sons.”

“Eu vi o suspeito repentinamente apontando sua arma para o meu parceiro. Como atirei nele, eu vi meu parceiro caindo ao chão jorrando sangue. Eu corri para ajudar meu parceiro e ele estava lá ileso. O suspeito nem sequer havia efetuado um tiro”.

“Quando eu fui para casa depois do tiroteio, minha esposa disse-me que eu tinha chamado-a em meu celular durante a perseguição de um suspeito violento imediatamente antes do tiroteio. Eu não me lembrava de ter feito aquela ligação”.

“Eu disse a equipe da SWAT que o suspeito estava disparando contra mim do final de um corredor escuro com cerca de 40 pés de comprimento. Quando eu voltei para a cena no dia seguinte, eu fiquei chocada ao descobrir que ele tinha estado há apenas 5 pés de distância de mim, em uma sala aberta. Não havia corredor escuro”.

“Durante um violento tiroteio eu olhei repentinamente e pude ver latas de cerveja flutuando lentamente passando pelo meu rosto. E o mais intrigante é que eu pude ver a palavra *federal* impressa no fundo das latas. Eles voltaram para recolher os estojos ejetados pelo policial que estava atirando perto de mim”.

Essas amostras representativas, a partir de policiais envolvidos em tiroteios, exemplificam a peculiar natureza da percepção e memória. Policiais plenamente conscientes e seus superiores, autoridades legais e o público responsabilizam-os completamente por suas ações durante um tiroteio. Esses mesmos indivíduos também irão examinar a exatidão e a veracidade das declarações feitas pelo policial que tomou parte em tais incidentes. Portanto, torna-se importante compreender que esperar dos policiais terem uma perfeita lembrança de qualquer evento não é uma realidade. De fato, o organismo de investigação sobre a percepção e memória entende o fato de que as pessoas raramente são capazes de ter uma total e perfeita lembrança dos acontecimentos.

Embora os processos físicos subjacentes da percepção e memória continuem como uma questão de investigação e debate, observação empírica do comportamento humano pode lançar alguma luz sobre as consequências comportamentais desses processos. Para este efeito, a autora centrou a sua investigação sobre o auto-relatório de distorção da percepção e da memória vivenciadas por policiais envolvidos em tiroteios<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Dra. Artwohl, psicóloga policial reformada, que atualmente provê treinamento e consultoria para policiais em todo os Estados Unidos e no Canadá por meio de uma empresa privada sediada em Las Vegas, Nevada.

## CONHECIMENTO

Pertinente a este tópico é como um trauma e outras experiências altamente emocionais podem ter um impacto na percepção e memória. Um pesquisador registrou na área de estresse e medo conduzindo uma ampla revisão do tema<sup>2</sup>. Ele chegou à conclusão de que as pessoas têm dois diferentes modos de processamento de informação.

Um, o modo pensamento-racional, acontece durante estado emocional de baixa excitação, enquanto o segundo, o modo pensamento experimental, ocorre durante estados emocionais de alta tensão e excitação, como poderia ocorrer durante um tiroteio envolvendo policial.

Ele lembrou que quando as pessoas não estão sob altos níveis de estresse, elas têm a capacidade de calmamente exercer a consciência, processamento cognitivo deliberativo e analítico que caracteriza o pensamento racional. No entanto, quando uma percepção emergencial requer ação rápida, elas não dispõem desse luxo. Em vez disso, o seu sistema de processamento cognitivo automaticamente muda para o pensamento experimental. Ele afirmou que "as pessoas estão irritadas, tristes, assustados não como um resultado direto do que objetivamente ocorre, mas por causa de como interpretaram o que aconteceu. A interpretação pré-consciente automática que são os efetivos instigadores de tais emoções são feitas automática e rapidamente para evitar o pensamento deliberativo, sequencial e analítico que é característico do sistema racional"<sup>3</sup>.

Ele delineou as diferenças de pensamento-racional e experimental, incluindo o conceito de que o pensamento experimental representa um sistema que "automaticamente, rapidamente, facilmente e eficientemente processa a informação"<sup>4</sup>, uma vantagem óbvia em uma situação de risco de vida que exige uma resposta imediata. Juntamente com facilitação automática, respostas rápidas, ele salientou que esse pensamento experimental é mais provável que pensamento-racional terem características tais como:

**"... estudos independentes... encontraram a que as distorções de memória e percepção, de fato, ocorrem com certo grau em policiais envolvidos em tiroteio".**

- Memória fragmentada em vez de uma narrativa integrada;
- Baseadas em experiências passadas, em vez de uma avaliação consciente do evento;
- Intuitivo e holístico ao invés de analítico e lógico;
- Orientado para uma ação imediata, em vez de reflexão e de ação retardada;
- Processamento cognitivo altamente eficiente e rápido, em vez de pensamento cognitivo lento e deliberativo;
- "Apreendido pelas emoções" em vez de "no controle de nossos pensamentos"; ou

- "Experimentando para crer" em vez de exigir justificação via lógica e evidência.

Ele continuou com "Na maioria das situações, o processamento automático do sistema experimental é dominante sobre o sistema racional, porque é menos trabalhoso e mais eficiente e, portanto, é a opção defeituosa"<sup>5</sup>. Ele observou que as pessoas frequentemente estão envolvidas no pensamento experimental durante os eventos do cotidiano simplesmente porque é mais eficiente, mas "excitação emocional e experiência relevante são consideradas relevantes para mudar o equilíbrio de influência na direção do sistema de experiência"<sup>6</sup>. Isso claramente se aplica a policiais envolvidos em tiroteios e outras situações de alto estresse.

## **PESQUISA ANTERIOR**

Para compreender essa ligação mais profunda, a autora revisou pesquisas anteriores relativas a policiais envolvidos em tiroteios. No processo, concentrou-se em três estudos principais.

Em 1986, dois pesquisadores foram dos primeiros a publicar dados específicos de policiais envolvidos em tiroteios<sup>7</sup>. Em seus estudos de 86 policiais envolvidos em tiroteios, eles descobriram que 67% dos policiais viram o incidente em câmara lenta, enquanto 15% observaram mais rápido do que o normal. Cinquenta e um por cento tinham ouvido sons durante o evento em um modo reduzido, enquanto 18% dos policiais disseram que os sons foram intensificados. Trinta e sete por cento tiveram visão túnel, enquanto 18% experimentaram visualizar maiores detalhes.

Em 1998, dois outros pesquisadores estudaram uma variedade de reações de 348 policiais envolvidos em tiroteios. Eles administraram suas pesquisas dentro de 3 a 5 dias após o incidente, mesmo antes da participação de cada policial no *debriefing* obrigatório. Eles descobriram que 41 por cento dos agentes pensavam que o tempo foi menor, ao passo que 20 por cento perceberam uma velocidade maior. Cinquenta e um por cento disse que os sons pareciam mais abafados, enquanto 23 por cento relataram os sons como sendo alto. Quarenta e cinco por cento dos policiais tinham visão de túnel, enquanto 41 por cento experimentaram uma maior atenção aos detalhes. Além disso, 22 por cento dos policiais relataram perda de uma parte da memória do incidente.

Um recente pesquisador fez um levantamento exaustivo de policiais envolvidos em tiroteios que consistiu em entrevistas detalhadas com 80 policiais municipais e dos condados que relataram 113 casos distintos onde eles atiraram contra civis durante sua carreira profissional<sup>9</sup>. Embora o seu relatório contenha um manancial de informação, também definidos os dados específicos em relação a distorção de percepção e memória. Ele descobriu que 56% dos policiais viram o incidente em câmara lenta, enquanto 23% achavam que aconteceu mais rápido do que o normal. Oitenta e dois por cento relataram que os sons diminuíram, enquanto para 20% os sons intensificaram. 56 % experimentaram o acréscimo do detalhe visual, enquanto 51% tinham visão de túnel. Além disso, 13% dos policiais relataram outros tipos de distorções durante o evento.

## PESQUISA ATUAL

De 1994 a 1999, a autora forneceu um *survey* escrito para 157 policiais envolvidos em tiroteios de várias agências. Embora aproximadamente dois terços dos policiais receberam o *survey* durante seu *debriefing* obrigatório dentro de 1 semana depois do tiroteio, a autora falou para não preencher o *survey* até terem frequentado um grupo de *debriefing* (o que ocorre normalmente de 2 a 4 semanas após a incidente, para que haja tempo para as agências de concluir as suas investigações). A autora fez isso porque ela descobriu, no curso da realização de numerosos grupos de *debriefings*, que muitos policiais não percebem inteiramente o alcance da sua própria memória e desvios perceptivos e distorções confrontados com evidências em contrário. Durante um grupo de *debriefing*, como oficiais dizem suas versões do que aconteceu, o quadro completo começa a emergir. Participaram policiais que gozam do benefício de descobrir o que realmente aconteceu de forma global e como a sua própria versão poderá ser diferente. Mesmo para os policiais que estavam apenas presentes no escritório, a sua posterior leitura dos relatórios de investigação, incluindo a prova física e declarações de testemunhas, pode educá-los quanto à falta de exatidão e total precisão de suas memórias do evento.

Em contrapartida, a autora recolheu o restante do um terço do *survey* de profissionais de saúde mental ou policiais que deram os *surveys* para policiais que eles sabiam que tinham se envolvido em tiroteio. Com estes *survey*, o período que havia passado desde que o tiroteio ocorreu variou mais que aqueles coletados depois dos grupos de *debriefings*.

Além disso, a amostra não representa uma população "clínica"; estes policiais não estavam procurando tratamento para Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), embora alguns possam ter tido experimentando certo grau de TEPT. A maioria dos policiais que completaram o *survey* coletado pela autora bem como feito emocionalmente pelo tempo que seu grupo ocorreu o *debriefing*. Os policiais voluntariamente preencheram os questionários e a maioria dos policiais devolveram-no para a autora.

Além de tudo, a pesquisa da autora revelou que 62% dos policiais visualizaram o incidente em câmera lenta, enquanto 17% disseram que o tempo aparentou acelerar. 84% dos policiais notaram que os sons pareciam diminuído, enquanto para 16% pensaram que os sons haviam intensificado. 79% tinham visão de túnel, enquanto 71% experimentaram um aumento na claridade visual. Além disso, 74% dos policiais afirmaram que responderam no "piloto automático", com pouco ou nenhum pensamento consciente. 52% relataram perda de memória de parte do evento e 46% notaram perda de memória dos seus próprios comportamentos. 39% recordam ter experimentado dissociação (ou seja, o sentimento de separação do corpo ou irrealidade), 26% tinham pensamentos distraídos; 21% registraram distorção na memória (isto é, viu, ouviu, ou experimentou algo que realmente não aconteceu ou aconteceu de modo muito diferentemente do que ele lembrava), e 7% relataram ter paralisia temporária.

## DISCUSSÃO

### RESULTADO PASSADO E PRESENTE DO SURVEY

#### SONS DIMINUÍDOS

Refere-se a incapacidade de ouvir sons muito alto que uma pessoa normalmente iria ouvir, tais como tiros. Ele varia de não ouvir esses sons a escutá-los como se tivesse com um abafador ou à distância. Este meio contribui para as conclusões dos pesquisadores anteriores, bem como as da autora, indicando que os policiais muitas vezes não sabem exatamente quantos tiros eles dispararam, especialmente porque o número de disparos aumenta.

**“... memória não é um perfeito "videoteipe", que pode reproduzir exatamente da mesma maneira, cada vez que uma pessoa tenta lembrar um acontecimento passado.**

#### VISÃO DE TÚNEL

Denota a perda de visão periférica. Isto, combinado com o aumento da claridade visual, pode resultar na combinação ímpar de policiais vendo com incomum detalhe alguns estímulos dentro do seu campo de visão reduzido, mas que permanecem visualmente esquecidos em volta do que normalmente veria com a sua visão periférica.

Embora 7% dos policiais reportaram *paralisia temporária*, tal reação é improvável representar “congelamento” ao ponto de uma disfunção durante o evento. Nos casos em que a autora conversou com policiais que estavam zangados com eles mesmos pelo “congelamento”, encontrado que, na verdade, isto foi simplesmente uma “ação-reação” normal que ocorre porque os policiais podem atirar somente depois do suspeito estiver engajado em um comportamento que representa uma ameaça.

Embora essa diferença ocorra em um breve espaço de tempo, devido à percepção comum de distorção de tempo de câmara lenta, pode parecer para os policiais como se eles parassem para sempre depois de perceber a ameaça e antes de responder. Embora continue a ser possível que alguns dos inquiridos fez, na verdade, totalmente “congelado”, é pouco provável que muitos dos 7% o fez. Talvez, não o fez.

*Distração de pensamentos intrusivos* não são imediatamente relevantes para a situação tática, muitas vezes incluindo pensamentos sobre entes queridos ou outras pessoas próximas. Além disso, falhas de memória e distorção de percepção podem resultar em “*flashbulb*”, onde o indivíduo tem uma série de imagens vívidas na memória, com o resto do evento vago, um pouco fora de ordem ou mesmo ausente.

A autora encontrou um aspecto notável de todos os estudos. Não foi determinada outra distorção de percepção que pode ocorrer, tais como a distorção da distância, distorção da cor, distorção do reconhecimento facial ou distorção da iluminação.

Além de tudo, apesar de alguns dos estudos encontrarem resultados semelhantes em vários itens, incoerências também ocorreram em vários itens de

estudo para estudo. Independentemente das diferenças metodológicas que poderiam ter contribuído para esses desvios, o achado mais importante permaneceu o mesmo para todos. Ou seja, independente dos estudos terem usado metodologias diferentes encontraram as distorções de memória e percepção, de fato, ocorreu até certo ponto em policiais envolvidos em tiroteio. Portanto, aqueles que analisam as ações e declarações dos policiais envolvidos em tiroteios devem ter em conta essas conclusões. Dois investigadores afirmaram claramente após este achado que 22% dos policiais no seu *survey* experimentaram perda de memória.

Embora outros estudos tenham relatado até mesmo números mais elevados, 22% continuam a ser um montante muito significativo, dado que os policiais testemunharão suas ações no futuro. O que parece ser relativamente comum é um distúrbio de percepção seguindo o envolvimento em um incidente crítico tem o potencial de causar nos policiais acusações de cada uma das acusações definitivas deitada ou reter a verdade. Isto é particularmente relevante e deve resultar em entrevistas posteriores em adição a observações ou clarificações, como é o caso frequentemente<sup>11</sup>.



## IMPLICAÇÕES PARA INVESTIGADORES

Esses pesquisadores precisamente apontaram que a memória não é um perfeito "videoteipe", que pode reproduzir exatamente da mesma maneira, cada vez que uma pessoa tenta lembrar um acontecimento passado. Pelo contrário, a memória é um criativo e não totalmente compreendido processo. Se um policial recorda de um evento não é uma representação totalmente exata da realidade, isso não significa necessariamente que o agente está mentindo ou tentando enganar em uma estória-cobertura. Do mesmo modo, é normal para a memória mudar um pouco ao longo do tempo e a mudança ou a nova memória podem ou não representar a realidade com mais precisão. O mesmo conceito se aplica a outras testemunhas e os suspeitos também. Ninguém deve acusar um indivíduo de mentir simplesmente devido à inadequada, incoerente ou falta de memória. Embora algumas pessoas vão optar por serem falsas, os investigadores devem reservar essa acusação para os casos em que existe evidência adicional para indicar que a pessoa deliberadamente mentiu.

A autora descobriu que 21% dos policiais "viu, ouviu ou experimentou alguma coisa durante o evento que mais tarde descobri que não tinha realmente acontecido ou aconteceu muito diferente de como ele lembrava". Todos os participantes em um evento, incluindo o suspeito, testemunhas oculares e policiais, têm o potencial de ver, ouvir, sentir ou experimentar coisas que realmente não aconteçam. Uma grande variedade de fatores, incluindo distorção de percepção, preconceitos, crenças, expectativas e experiências anteriores, influenciam a percepção das pessoas. Um aspecto interessante a respeito distorções de memória que a autora tem repetidamente observado é que eles podem "sentir" mais real que o depoimento do que realmente aconteceu. Isto continua a ser coerente com a

observação de que pensamento experimental é "autoevidentemente válido: 'ver para crer'", em oposição ao pensamento racional, que "requer justificação lógica através de evidências"<sup>12</sup>.

Quando confrontado com um vídeo que provou conclusivamente que ele viu coisas que não acontecera, um policial veterano da SWAT disse a autora, "Doutora, eu agora intelectualmente sei que o que eu pensei que eu vi realmente não aconteceu, mas ainda *sinto* que é mais real para mim que o que eu vi na fita". Algumas testemunhas sinceramente e veementemente vão insistir que suas percepções e memórias são precisas quando, na verdade, elas podem não ser precisas a todos.

As diferenças entre os modos racional e de experiência de pensar também tem implicações nas consequências pós tiroteio. Claramente, policiais precisam ser responsabilizados por todos os seus comportamentos em serviço,

**“... é normal para a memória mudar um pouco ao longo do tempo e a mudança ou a nova memória podem ou não representar a realidade com mais precisão”.**

especialmente se eles usaram força letal. No entanto, aqueles que conduzem a análise pós tiroteio deve colocar duas coisas em mente. Em primeiro lugar, enquanto policiais costumam ter apenas alguns segundos (ou menos) para decidir sobre o recurso à força, todas essas análises feitas pós tiroteio terão horas, semanas, meses ou mesmo anos, para contemplar todos os elementos de prova e decidir o que os policiais realmente deveriam ter feito. Embora análise pós incidente pode revelar muito útil como em exercício de aprendizagem, não foi uma opção disponível para os agentes envolvidos no momento do tiroteio. Em segundo lugar, a investigação indica que agentes vão estar no modo de pensamento experimental, porque é a opção padrão, especialmente em situações emocionalmente carregadas. Por outro lado, todas as pessoas envolvidas na análise pós tiroteio tem a capacidade de análise do comportamento policial no modo de pensar racional, um processo cognitivo diferente e um luxo que os policiais não tiveram durante o tiroteio. Isto não sugere que os policiais tenham carta branca para agir de qualquer forma que quiserem durante uma situação de alto estresse. Ela significa, contudo, que a profissão policial deve permanecer rigorosa no seu treinamento, realista nas suas expectativas e cientes das exigências de emergências.

Outra revisão de pesquisa concluiu que "situações traumáticas levará inevitavelmente a uma diminuição de capacidade de memória"<sup>13</sup>. Esses pesquisadores salientaram, e a autora concorda, que policiais podem tornar mais rigorosos e precisos nas declarações, se esperar pelo menos 24 horas, período durante o qual devem dormir um pouco, antes de participarem de sua entrevista formal com os investigadores. Pesquisas sugerem que o sono MOR (Movimento de Olho Rápido), em especial, ajuda a integrar memórias e facilita a aprendizagem e a recuperação da memória. Alguns policiais possam aparecer raramente calmos pouco depois de um incidente e podem preferir dar de imediato uma declaração completa. Muitas vezes, porém, é melhor para os policiais dormir primeiro e depois dar suas declarações. Isto não exclui a sua prestação de informações suficientes durante o "procedimento" na investigação da cena para obter o início das investigações. Mas, os investigadores devem conduzir essas sessões iniciais de uma forma sensível que não comprometa os direitos legais do policial.

Dado que as distorções de percepção e memória são uma parte integrante de eventos traumáticos, os investigadores podem na entrevista cognitiva uma técnica útil.<sup>14</sup>

Os desenvolvedores deste método encontraram que investigadores individuais podem significativamente impactar a habilidade de testemunhas lembrarem e reportarem os detalhes do evento. Suas pesquisas indicaram a entrevista cognitiva como a técnica mais eficaz para facilitar a recuperação de memória com a cooperação da testemunha. Utilizando técnicas adequadas de entrevista é particularmente importante para situações de alto estresse porque



durante o pensamento experiencial, o indivíduo é mais susceptível de ser dissociativo e "codifica a realidade concreta em imagens, metáforas e narrativas", que, no pensamento racional, o indivíduo é mais lógico e "codifica a realidade em resumo de símbolos, palavras e números"<sup>15</sup>.

Isto significa que os sobreviventes de experiências traumáticas irão encontrar desafios para traduzir as imagens e metáforas dissociadas concretas que experimentaram durante o evento de alto estresse na sequencial, verbal, abstrata e lógica narrativa requerendo uma entrevista investigativa e testemunho

no Tribunal. Investigadores qualificados podem ajudar as testemunhas com essa difícil tarefa.

## IMPLICAÇÕES NO TREINAMENTO

Setenta e quatro por cento dos policiais que a autora pesquisou relatou, "Eu automaticamente respondi à ameaça ao perceber o perigo com pouca ou nenhuma consciência de minhas ações". Este achado coincide com o modo do pensamento experimental, descrito como uma "maneira automática e intuitiva de processamento de informação", que "ocorre automaticamente e sem esforço fora de consciência, porque é esse o seu modo natural de funcionamento, de um modo que é muito mais eficiente do que o pensar consciente deliberativo. Isso tem profundas implicações para a formação experiencial pensar por que o pensamento experimental é baseado em experiências passadas. Assim, ao abrigo do estresse repentino, com risco de vida, os indivíduos que apresentam comportamento baseado em experiências passadas eles automaticamente produzirão sem o pensamento consciente. Isto significa não só no treinamento de táticas adequadas para os policiais, mas também proporcionar suficiente repetição sob estresse, para que os novos comportamentos automaticamente tenham precedente sobre qualquer lição anteriormente aprendida, potencialmente inadequada, comportamentos que possuía antes de se tornar um policial.

Outra implicação do estudo da autora, bem como de outras pesquisas, é que ele apoia o conceito de treinamento baseado em realidade que todos policiais e instrutores conhecem representando o alicerce para o desempenho confiável em situações de alto estresse. "As informações obtidas a partir de livros e palestras é de uma qualidade diferente das informações adquiridas com a experiência. Experimentalmente derivados do conhecimento é muitas vezes mais atraente e mais susceptível de influenciar comportamento que conhecimento abstrato"<sup>18</sup>.

Isto é especialmente crítico nas situações repentinas de alto-estresse que requerem pronto desempenho físico. Conhecimentos resumidos obtidos em palestras e livros podem ser muito úteis para situações do modo de pensamento-racional, tais como a formulação de políticas e analisar situações. No entanto, quando policiais enfrentam repentinamente, incidentes de ameaça de vida, sua experiência baseada em seu treinamento realístico vem à tona.

Instruções baseadas em realidade para que os sujeitos participantes sejam levados a altos níveis de estresse durante o treinamento também ajudarão os policiais a desenvolverem mecanismos para compensar as distorções de percepção e memória. Por exemplo, para compensar a visão túnel, muitos policiais já aprenderam a prática da varredura visual do ambiente tático durante situações de alto-estresse, como entradas e perseguições de alto risco. Treinamento sob estresse também vai ajudar os policiais a controlar os seus níveis de excitação. À medida que sobe a sua escalada de agitação fisiológica, de forma talvez a diminuir sua susceptibilidade a distorção de percepção e memória. Assim, aprender a controlar nível excitação pode ajudar a reduzir as distorções. Por isso, policiais deverão receber treinamento e na prática regular as formas de controle dos níveis de excitação em situações de alto estresse. Nesse processo, a técnica de luta, tem-se revelado altamente eficaz nessa área.<sup>19</sup>

Policiais e seus familiares também deverão receber treinamento sobre as reações que eles podem esperar durante e após situações de alto estresse, tais como tiroteios. Prover os policiais e seus familiares com informações sobre o que esperar para ajudá-los a lidar melhor com grandes eventos estressantes.

Por fim, aqueles que analisam ou participam no rescaldo dos tiroteios envolvendo policiais devem receber treinamento também. Essas pessoas poderiam incluir advogados, representantes de associação, pares, jurados, jornalistas, *staff* do Comando e supervisores, profissionais de saúde mental, pessoal de assistência empregado, bem como quaisquer outras pessoas que tenham um interesse nesses eventos. Isto irá permitir-lhes fazer um julgamento mais bem informado sobre os comportamentos dos policiais e defender o tipo de treinamento e cuidados pós-incidentes que os policiais necessitarão para melhor servir e proteger as suas comunidades.

## **CONCLUSÃO**

As observações dos policiais no início deste artigo efetivamente retratam como a percepção e a memória podem influenciar a compreensão de um indivíduo no entendimento de um incidente particular. Um policial não escuta o som de sua arma descarregar. Outro não lembrava de ter telefonado para sua esposa antes de estar envolvido em um tiroteio. Três outros observaram coisas acontecendo de forma que não chegou a ocorrer. Todos os policiais estavam envolvidos em um processo altamente estressante e emocionalmente carregado de uso da força e, portanto, sujeito a posterior análise por suas agências e os cidadãos que eles servem para com suas ações.

Embora altamente treinados em descrever com precisão acontecimentos e descobrir fatos pertinentes para as investigações criminais, policiais enfrentam as mesmas dificuldades que todas as pessoas fazem quando tentando recordar o que aconteceu em situações de alto estresse. A pesquisa revelou que as pessoas raramente podem lembrar desses eventos com total precisão. A autora do estudo, juntamente com outras pesquisas que ele examinou, demonstrou que este achado é válido para policiais envolvidos em tiroteios. Com isto em mente, a profissão de execução da lei deve compreender as implicações que isto tem para os policiais e aqueles que analisam as suas ações. Porque incidentes críticos demandam decisões em frações de segundo, policiais devem receber o melhor treinamento que irá ajudá-los a reagir adequadamente em situações de alto estresse. Do mesmo modo, aqueles que analisam estes acontecimentos têm de compreender as exigências colocadas sobre policiais durante esses incidentes e manter expectativas realistas sobre o que policiais percebiam durante os eventos e o que eles podem recordar com precisão depois. No final, reconhecendo as distorções de percepção e de memória que policiais podem ter durante um tiroteio pode ir um longo caminho para ajudar a esses policiais a lidar com situações difíceis e, talvez, reduzir a sua ocorrência.

**“... a profissão policial deve permanecer rigorosa no seu treinamento, realista nas suas expectativas e cientes das exigências de emergências.”**

## NOTAS

1 Officers can contact Dra. Artwohl, coauthor of *Deadly Force Encounters: What Cops Need to Know to Mentally and Physically Prepare for and Win a Gunfight* (Boulder, CO: Paladin Press, 1997), at artwohl@cs.com or access her Web site at <http://www.alexisartwohl.com>.

2 Seymour Epstein, “The Integration of the Cognitive and Psychodynamic Unconscious,” *American Psychologist* 49 (1994): 709-723.

3 Ibid.

4 Ibid.

5 Ibid.

6 Ibid.

7 R.M. Solomon and J.M. Horn, “Post-Shooting Traumatic Reactions: A Pilot Study,” in *Psychological Services for Law Enforcement*, eds. J.T. Reese and H.A. Goldstein (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1986).

8 A.L. Hoenig and J.E. Roland, “Shots Fired: Officer Involved,” *Police Chief*, October 1998.

9 David Klinger, U.S. Department of Justice, National Institute of Justice, *Police Responses to Officer-Involved Shootings*, NCJ 192285 (Washington, DC, October 2001).

10 Bill Lewinski, “Why Is the Suspect Shot in the Back?” *The Police Marksman*, November/December 2000.

11 Supra note 8.

12 Supra note 2.

13 D. Grossman and B.K. Siddle, *Critical Incident Amnesia: The Physiological Basis and Implications of Memory Loss During Extreme Survival Stress Situations* (Millstadt, IL: PPCT Management Systems, Inc., 1998).

14 R.P. Fisher and R.E. Geiselman, *Memory Enhancing Techniques for Investigative Interviewing* (Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1992).

15 Supra note 2.

16 Supra note 2.

17 Charles Humes, "The Flashlight Dilemma," *Tactical Edge*, 1992.

18 Supra note 2.

19 Charles Humes, "Lowering Pursuit Stress," *Police*, June 2001.

20 D. Meichenbaum, *Stress Inoculation Training* (Boston, MA: Allyn & Bacon, 1985).

**Fonte:** ARTWOHL, Alexis. **Perceptual and Memory Distortion During Officer-Involved Shootings.** Tradução Onivan Elias de Oliveira – Cap PMPB. FBI Law Enforcement Bulletin. Washington: October 2002. p. 18-24.